



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'A Beleza Imortal das Catedrais', de Paulo Alexandre Cardoso Pereira]

Margarida Santos Alpalhão

Para citar este documento / To cite this document:

Margarida Santos Alpalhão, "[Recensão crítica a 'A Beleza Imortal das Catedrais', de Paulo Alexandre Cardoso Pereira]", *Colóquio/Letras*, n.º 181, Set. 2012, p. 256-258.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

entendida como ponto de partida do «interesse analítico» (p. 136), a autora se veja obrigada a reconhecer e a isolar nele uma série de «elementos, aspectos e momentos heterogêneos e contudo interligados» (p. 10). Esse princípio de heterogeneidade que «se articula em diferença e mediação», como a introdução refere, é vertido, do ponto de vista analítico-teórico, pela exigência de «um olhar constante para a relação do conjunto com o detalhe» (*ibid.*).

Ora a mesma exigência pode enfim ser dirigida sobre a forma que assume a obra *Entre o Arco e o Labirinto*, mais precisamente, sobre o modo como lhe é dado salvar a sua exterioridade no seu interior. Na verdade, o facto de este livro ser factualmente uma colectânea de ensaios, textos inicialmente dispersos coligidos num único espaço, obedecendo às leis de uma «perpétua decomposição e recomposição» (p. 181) que regem o mundo-objecto, põe em evidência não só a condição circunstancial do seu encontro, mas também, no rasto da natureza contraditória que perseguem, o carácter intencionalmente desconexo e vivo que os liga entre si. Com efeito, a sucessão ou o encadeamento que aqui pode manifestar-se, de um a outro ensaio, não obedece a uma coe-são interna propriamente dita, mas antes a uma reunião exterior, ou mesmo evasiva, no modo como se detém de cada vez em pequenos instantes de concentração intensa, mais do que no gesto largo de uma sucessão de capítulos em que tudo seria equilibrado em massa pela ordem do conjunto. Talvez uma das maiores virtudes deste livro seja mesmo a de levantar uma questão — a tensão anti-sistemática e puramente difusa do ensaio, considerado no plural, como espécime do «trabalho da cultura» — sem pretender resolvê-la em definitivo.

Para a dialéctica da observação e da auto-observação, da identidade e alterida-

de contínuas, na qual é acolhida e reflectida a «labirinticidade dos factos» (p. 98), introduz a autora uma figura que permanecerá enigmática até final: um «demónio pacificado mas omnipresente, curioso mas não omnisciente» (p. 12), que não exclui o recurso à fluidez da ironia e do paradoxo. Mas aquilo que mais transparece no «espírito demoníaco» (p. 13) deste livro, por entre alguma tecnicidade do estilo e uma certa insistência na ressonância dos mesmos argumentos, é sobretudo, sob os auspícios do «realismo lúdico» (p. 99) que a autora entrevê em Schiller — e que recupera depois para si a seu modo —, a exercitação franca e espontânea da pura «curiosidade teórica» (p. 136), exposta sob inúmeros ângulos e dedicada a pensar a sua própria proveniência, tanto quanto a sua vocação operante.

Bruno Duarte*

* O A. segue a antiga ortografia.

Paulo Alexandre Cardoso Pereira
A BELEZA IMORTAL DAS
CATEDRAIS
AFONSO LOPES VIEIRA E A IMAGINAÇÃO
MEDIEVALISTA

2 vols.

Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda / 2008

Após alguns ensaios dispersos do autor sobre o assunto, encontramos nesta obra, resultante de tese de doutoramento, um trabalho de grande fôlego sobre uma «transusão de arquétipos, motivos ou símbolos» (I, p. 29) medievais para a obra daquele que é considerado, por alguns críticos, um *neo-Garrett* (I, p. 164): o autor nomeado no subtítulo da obra em análise. Este estudo apresenta-se, de resto, logo desde o início, como um trabalho efetuado no «terreno do medievalismo» (I, p. 12), campo a que se têm dedicado,

com renovado vigor, novos materiais e métodos de análise, alguns investigadores portugueses da área da literatura, compartilhando um (outro) movimento cíclico (internacional) de releitura e reinterpretção de obras e documentos da (ou de uma) época fundacional da cultura europeia ocidental, designadamente peninsular. Este trabalho de Paulo Pereira inscreve-se, assim, no conjunto daqueles que se apresentam segundo as teorias da estética da receção.

Sempre profusamente documentado, o ensaio em apreço apresenta, inicialmente, o enquadramento teórico do seu campo de estudo (no capítulo «Idade Média em Contraluz: Da Imaginação Medievalista como Mediação», vol. I), para passar, depois de a contextualizar, à análise escalpelizada da obra de Afonso Lopes Vieira, o seu campo de aplicação. Trabalho complexo, dada a obra plural e o autor poliédrico analisados.

No primeiro volume, a um tempo analítico e taxonómico, o autor do estudo começa por apresentar os antecedentes da mediação literária em que integra a obra, em certa medida *engagé*, de Afonso Lopes Vieira, e que considera, daquele ponto de vista, como uma «pedagogia da tradição» (I, p. 42). Neste percurso, percebe-se porque dedicou Lopes Vieira uma «admiração incondicional» (I, p. 108) a John Ruskin, chave de leitura do título do ensaio. O estudioso demonstra por que é Afonso Lopes Vieira considerado neogarrrettista, através de uma «caracterização da corrente medievalista romântica nacional» (I, p. 175), dando particular destaque a Garrett e Herculano. A geração seguinte, nesta documentada explicitação da mediação, é representada por Alberto d'Oliveira e, principalmente, por António Nobre. Acerca de vários escritores da viragem para o século XX, diz-nos o ensaísta que, «contrariamente aos seus anteces-

sores românticos, que se esforçavam por *ver* o passado, os artistas simbolistas preferem, de longe, *sonhá-lo*» (I, p. 282). Este «passado» remete, bem entendido, para o passado medieval. E a mudança de sujeito criador (ou de artista) — ali representado por vários poetas da época —, influenciado, em maior ou menor grau, por outros utilizadores da mediadora «imaginação medievalista» (como Wagner, por exemplo), permite também apreender novas (re)configurações estilísticas, estéticas e míticas da mediação enunciada, designadamente nas obras de Pascoaes, de Sardinha e de Lopes Vieira.

O estudo, convocando sabiamente um conjunto significativo de *auctoritas* e ilustrado por uma seleção importante de excertos dos autores referidos, constitui, ele próprio, um exemplo vivo de arqueologia textual da mediação pela «imaginação medievalista», afirmando, concomitantemente, uma cronologia na produção literária, que, pela mediação usada, metodologicamente poderia parecer haver quebrado o contínuo histórico.

Ao «mito pessoal da medievalidade» (I, p. 387) de Afonso Lopes Vieira, dedica o investigador, em particular, os dois últimos capítulos do primeiro volume, e o segundo na sua totalidade, demonstrando, em tom semelhante ao dos capítulos anteriores, como este imaginário, não apenas literário, é vincadamente retórico, mas não só: Lopes Vieira terá tentado, em dada medida, encarnar o mito (I, p. 389, p. 416-8 e 458, e II, p. 76 ss, por exemplo). Esta postura ter-lhe-á ainda permitido ser considerado modelar por algumas correntes literárias galegas (I, p. 424). Salientando as vertentes geracional e artística de Lopes Vieira, no ensaio e na poesia, entre outros escritos (como nas notas marginais que o escritor leiriense registou em obras da sua biblioteca), o autor apresenta Lopes Vieira ao leitor — tanto o «trovador»

(que venera D. Dinis), como o tradutor de prosa cavaleiresca, ou, ainda, o linguista e o esteta, também musical, que, lusitanista de evidente vocação didática, se dedica a várias artes —, num rigoroso estudo integral, ou seja, nas suas múltiplas vertentes, consonante com o «artista total» (I, p. 103) e sensório que analisa, afirmando a *arte poética* daquele.

De salientar, neste âmbito e no segundo volume, a leitura, pouco comum, do mito inesiano, amplamente ancorada na obra de Lopes Vieira e a enunciação de uma idealizada prática cavaleiresca, escorada, entre outros labores do autor analisado, na leitura anotada de obras da (e sobre a) matéria de Bretanha e na tradução e adaptação da obra considerada fundadora do género dos livros de cavalaria: *Amadis de Gaula*. Nesta segunda senda (pressupondo, segundo Lopes Vieira, a autoria portuguesa do texto — teoria ainda hoje inconclusiva), sublinha-se, entre outros aspectos, a «reescrita restitutiva» da obra (II, p. 123), para o público adulto, aproximando tal criação da de Joseph Bédier. A versão amadisiada para o público infantil também é alvo de análise, em separado. No entretanto, destaca-se naquela a *arte amatória* própria do perfeito cavaleiro — tópico de livros de cavalaria, herança transmutada da matéria de Bretanha —, defendida por Lopes Vieira em diferentes textos.

Duas notas finais: a primeira sobre a extensa bibliografia que acompanha o estudo, designadamente incluindo obras cujos autores se serviram da mesma mediação; a segunda sobre o anexo correspondente à edição fac-similada de *Santa Lucia de Muel*, posterior a 1916, curiosa sátira anónima da geração de Lopes Vieira (vol. II).

Em suma, o estudo consiste numa rigorosa, revigorada e atualizada lição que compete ao leitor aproveitar.

Margarida Santos Alpalhão

K. David Jackson

ADVERSE GENRES IN FERNANDO PESSOA

Oxford, Oxford University Press / 2010

Pelo menos até à data da primeira edição do *Livro do Desassossego* — publicação que obrigou a considerar, em Pessoa, uma dimensão fragmentária até então desconhecida ou à qual pouca atenção tinha sido conferida, como observou Jorge de Sena¹ —, foi dominante no âmbito dos estudos pessoanos a questão de se determinar se a heteronímia configurava um sistema, possibilitava uma síntese, possuía um centro (segundo uns, o autor da *Mensagem*, para outros, como alternativa, Caeiro), o que conduzia naturalmente a uma tentativa de estabelecer qual dos heterónimos seria o nuclear, do qual os outros, meros reflexos dessa entidade primeira, procederiam. Num livro publicado no final de 2010, *Adverse Genres in Fernando Pessoa*, o seu autor, Kenneth David Jackson, retoma a fórmula que se generalizou no âmbito dos estudos pessoanos de «drama em gente», propondo que se pense paralelamente num «drama em géneros» e, ao fazê-lo, relança de outra maneira a própria descrição que Pessoa dava de si como um poeta no qual os modos lírico e dramático mutuamente se contaminam em resposta a uma tendência para a despersonalização.

Na perspetiva dos «géneros adversos», as interrogações sobre a autoria, ou sobre a unidade na multiplicidade da obra pessoana, são reformuladas no sentido de se procurar determinar as características da biblioteca de onde procederiam os heterónimos, pois se supõe na obra pessoana uma anterioridade dos géneros e das formas tradicionais usadas que, associadas a conteúdos incompatíveis e temas modernistas, condicionam a própria «personalidade» literária que assina o texto. Convém, entretanto, precisar que a biblioteca